FUNDO CA | CEMAP

Enquanto existir o Estado - não haverá Liberdade; e quando houver Liberdade - não haverá Estado

S. PAULO, 15 DE JUNHO DE 1947

ANO 31 — NUM. 2 (Nova fase)

A PLEBE

O dragão que está à entrada do palácio anárquico nada tem de terrivel: é apenas uma palavra.

ELISEU RECLUS

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

RETORNO AO DOMINIO DA REAÇÃO

ATENTADOS CONTRA AS LIBERDADES DE IMPRENSA, DE REUNIÃO E DE ORGANIZAÇÃO — CERCEAMENTO DA AUTONOMIA SINDICAL — PRISÕES E ESPANCAMENTOS DE JORNALISTAS

Contrarios a todas as manifestações reacionarias, não poderiamos, nós, que sempre estivemos nas barricadas da luta pela liberdade, deixar sem protesto as violencias que veem caracterizando os ultimos acontecimentos do país.

Esboça-se por toda a parte o renascer da hydra reacionaria do fascismo. Em Belem do Pará, foram cometidas violencias contra um jornalista, agredido por elementos governamentais com metodos iguais aos que eram empregados pelos sequazes de Mussolini e Hitler; em Maceió, Alagôas, é a propria policia que espanca um profissional da imprensa, usando os mesmos processos fascistas na pratica dessa violencia; e na Baía, elementos do Exercito empastelaram as oficinas de um jornal!

Estes fatos confirmam o que sempre dissemos por estas colunas: no regime capitalista não há lugar para a liberdade, nem garantia para o individuo. Aproveitamos aqui uma frase oportunissima que nos chega no conteudo de uma carta de Pirajuí: "Enquanto existir o Estado — não existirá liberdade; e quando houver liberdade — não haverá Estado"!

Tambem no setor operario veem-se acentuando as manifestações de caracter reacionario. Assim é que o governo acaba de decretar o fechamento de uma organização nacional surgida de um Congresso promovido por elementos do Ministerio do Trabalho, mas no seio da qual surgiu uma tendencia preparadora da autonomia sindical.

Como consequencia desse ato reacionario foi determinada a intervenção nos sindicatos dessa tendencia.

No setor politico, o cancelamento do registro do partido dos bolchevistas, que havia disputado, com outros partidos, as eleições, constituiu outra demonstração do retorno da reação na vida brasileira.

A nossa ação nada tem de comum com as atividades de partidos, pois somos apoliticos. Mas sempre lutamos pela liberdade e compreendemos por liberdade todas as liberdades: liberdade individual, liberdade de imprensa, liberdade politica e religiosa, liberdade de reunião e de associação, liberdade, enfim, em todos os sentidos.

E' claro que não se deve confundir o nosso conceito da liberdade com a interpretação que dão os reacionarios a esse termo.

A liberdade na pratica da reação, não é liberdade, é fôrça; a liberdade desfrutada pelo clero no embrutecimento e catequização das consciencias, não é liberdade, é tirania espiritual.

Compreendemos por liberdade a tendencia humana de ser livre, partindo do principio de que a liberdade de uns não deve ferir a liberdade de outros.

Por isso, embora nos separem divergencias de caracter doutrinario, não podemos deixar sem protesto esses atentados ao direito de associação, o ato que determinou a intervenção nos Sindicatos, bem como a proibição de comicios em praça publica.

O povo havia conquistado o direito da TRIBUNA LIVRE, na Praça do Patriarca, onde todas as noites se reunia, para ouvir a palavra daqueles que dela queriam fazer uso, caracterizando-se aquelas reuniões pela liberdade que tinha qualquer cidadão de assistir e entrar nos debates e discussões dos temas que se apresentavam.

Ali podiam falar todos os individuos, fosse qual fosse a sua tendencia ideologica, politica ou religiosa. Todos ali podiam criticar ou expôr idéias, concordar ou discordar dos oradores.

Pois bem, até mesmo essa conquista do povo foi atingida pelas medidas reacionarias. A policia não permite mais que o povo se reuna ali para ouvir os seus oradores, mas permite que pregadores embusteiros tomem as ruas do triangulo para embasbacar a simplicidade dos transeuntes menos prevenidos e explorar a ignorancia com promessas de um lugar no céu...

Urge, pois, que todos estejamos atentos e vigilantes na defesa de todas essas liberdades — aliás, tão limitadas — e que constituem um patrimonio conseguido a poder de tantas e tão penosas lutas.

A liberdade — supremo bem do homem — exige ativa e permanente defesa.

19 de Julho

REVOLUÇÃO LIBERTARIA DA ESPANHA

Comemoração no Salão do Gremio Dramatico Espano-Americano — Programa adequado à data.

Guerra à Guerra!

A juventude libertaria italiana movimenta-se contra as manobras guerreiras

Seguindo o exemplo da Juventude Socialista Piemontesa e da Federação Juvenil Anarquista Piemontesa, a Juventude Anarquista da Liguria tomou a iniciativa de uma campanha contra o serviço militar obrigatório, segundo informa o semanario libertario "Amico del Popolo". A campanha dirige-se contra a continuação da existencia do exército italiano. A Juventude Anarquista convida a todos os jovens, às mães e a todos os homens de coração, para formarem uma frente única de luta antimilitarista, com o fim de abolir o exercito e por conseguinte, a propria guerra. Humberto Calosso, militante anarquista italiano, diz o reter do jornal, já concitou pelo rádio às mães a lutarem contra o serviço militar obrigatório, isto é, fazer com que tal serviço seja eliminado da Constituição italiana. Isto seria, segundo a Juventude Anarquista, um passo importante no caminho da emancipação integral. Mas para isso, é necessário que o movimento popular de baixo faça sentir aos que estão nas alturas a vontade do povo. Tambem a Sociedade das Nações tinha declarado a guerra ilegal, mas, ao mesmo tempo, sancionava o militarismo e os armamentos. Agora a juventude deve tomar a palavra para gritar: Basta de Guerras! Guerra à guerra!

O aparecimento de "A Plebe"

O numero de 1.o de Maio de A PLEBE foi bem recebido. Despertou vivo interesse e mesmo entusiasmo, sendo geral a opinião de que deve ser publicada regularmente. Entretanto, para que o possamos fazer, precisamos contar com o apoio de todos. A confecção do jornal é hoje carissima. E como não contamos com subversões nem com a renda da publicação paga (que não procuramos nem aceitamos) e a venda avulsa dá prejuiso a vida do jornal depende exclusivamente das contribuições daqueles que sentem a necessidade de sua publicação.

Para esse fim, distribuimos listas de subscrições voluntarias, que podem ser procuradas em nossa redação.

Já foi feita uma combinação com os camaradas da "Ação Direta" para que, aparecendo revezadamente com a PLEBE, tenhamos um semanario anarquista, isso enquanto nos preparamos para que ambos apareçam semanalmente.

Dessa forma A PLEBE aparecerá nos dias 1 e 15 e A DIRETA nos dias 8 e 22 de cada mês.

Esforcemo-nos todos para que, a partir do proximo mês, A PLEBE regularize a sua publicação, tão necessaria neste momento de confusionismo geral.

Age assim o imperialismo ultramontano: apresenta-se sob a proteção da cruz — para impor o dominio do fascismo

NA ESPANHA LIBERTARIA

Assim morrem os nossos homens!

Amador Franco e Antonio Lopes foram à Espanha, movidos por impulso idealista, para cumprirem a missão que lhes havia sido confiada pela organização.

O cumprimento dessa missão custou-lhes a vida. E eles souberam dar a vida pela revolução!

Em Orim, faz mais ou menos um ano, enfrentaram, ambos, defendendo-se durante toda a manhã, os sicarios do franquismo, em numero muito maior, que os acossavam. Exportado o ultimo cartucho, foram aprisionados.

Suportavam com estoicismo todos os martirios que lhes foram inflingidos, provocando a admiração dos proprios verdugos.

No dia 19 de abril p. p. foi-lhes comunicada a pena de morte.

Foi tal o desassombro com que se portaram, que, devendo ser fuzilados, o pelotão de fuzilamento se negou a praticar esse ato de selvageria.

No dia 21, às 4 horas da madrugada, foram conduzidos a Pasages, com o proposito de assassiná-los sem que a opinião publica pudesse manifestar-se.

Quiseram vendar-lhes os olhos. Não aceitaram, pois queriam morrer como homens livres.

E, olhando de frente os seus assassinos, desprezando os tiranos que os mandavam executar, tombaram heroicamente, gritando: "Viva a anarquia!" "Viva a Confederación Nacional Del Trabajo!".

O sacrificio desses dois abnegados mártires da revolução não será esteril. O futuro o dirá.

LIBERDADE

Como ponto de partida de todas as conquistas está a liberdade. A liberdade é o problema primordial. Nem só de pão vive o homem. E mesmo para conseguir o pão precisa o homem de liberdade. Portanto: liberdade de locomoção, liberdade de cada qual escolher a propria atividade, liberdade de expansão do pensamento, isto é, de crer ou deixar de crer, de concordar ou discordar, usando de todos os meios proprios para esse fim, em todas as ocasiões e onde quer que seja; liberdade de reunião e de associação em todas as suas modalidades, liberdade, enfim, do individuo dar ampla expansão à sua personalidade num ambiente social de livre convivencia. Logo: abolição de orgãos de exceção e de todas as leis, decretos, regulamentos, portarias, etc. que estabeleçam medidas coercitivas e limitações ao exercicio dessas liberdades.

Caleidoscopio

PERON CONTRA A AGIOTAGEM (?)

Os jornais trouxeram-nos a notícia de que, em reunião do Conselho Econômico e Social, o presidente da República Argentina exortou os membros do referido Conselho a colaborarem ativamente na obra do govêrno contra a agiotagem e qualquer outra especie de especulação. Isto nos deixa estupefatos, pois que, por outro lado, a imprensa nos dá conta de que Peron açambarca, em larga escala, os gêneros alimentícios, como, por exemplo, os lacticínios e o trigo, com os quais especula com um ágio de cem por cem, sem risco, e, evidentemente, sem empate de capital.

Sem risco, visto que Tio Sam, sabido como é, deixou de comprar os deliciosos queijos argentinos, não obstante estar com os bolsos recheados de dólares, e Peron abandonou, segundo consta, os fabricantes de lacticínios à propria sorte, com grandes estoques armazenados.

Entretanto, a nossa periódica sêca aproxima-se, em consequência do que, muito desce a produção do leite, o que, consecutivamente, trará a alta dos preços dos seus derivados. Daqui a possibilidade de que o governo brasileiro venha a liberar da taxa alfandegária os lacticínios estrangeiros e então teremos muita manteiga rançosa comprada dos produtores argentinos, talvez a baixo do custo de produção, para ser vendida ao povo brasileiro por preços elevadíssimos. Via de regra, tem sido assim e assim será enquanto existir uma organização social na qual os produtos são distribuidos, não conforme as necessidades da humanidade, e sim os interesses do capitalismo.

Quanto ao trigo, ainda será por algum tempo um negócio cada vez melhor, visto que Peron continua especulando com ele, cada vez mais desenfreadamente. Haja vistas aos ultimos informes de que o trigo argentino está elevando-se vertiginosamente de preço. Contudo, o governo argentino não permite que os cultivadores desse produto se reunam afim de se entenderem, para tambem serem beneficiados com a referida alta. E' que Peron, para enriquecer a Argentina, pretende, antes, cada vez mais, descamisa-la...

PASO DE LOS LIBRES...

A imprensa liberal ficou apreensiva com os encontros presidenciais realizados no Sul, suspeitando que, a pretexto de combate ao comunismo, se tenham tramado, de modo geral, medidas liberticidas. E' curioso observar-se que uma das localidades onde tais encontros se deram chama-se (si é que não me está falhando a memória, Paso de los Libres...

A PROPÓSITO DE WALLACE

Politicamente falando, Henry Wallace é um liberaloide ingênuo, superficial, nebuloso e contraditório. Tão contraditório que, certa vez, afirmou que não deixava de ter em mente as perseguições que os professores que não rezam pela cartilha de Peron veem sofrendo; mas que, por outro lado, reconhecia o beneficio que o presidente da Republica Argentina vinha proporcionando às classes trabalhadoras. Não nos disse, no entanto, em que consistem tais beneficios.

De todos os comentários que ultimamente vim a ler a propósito da paradoxal, personalidade de Wallace, o que mais me satisfez foi o de V. Cy, em brilhante crônica publicada no "O Estado de São Paulo", sob o titulo: "D. Aurora e Wallace". Com aquela extraordinária habilidade que o carateriza, V. Cy, em seu artigo demonstra como Wallace, ingenuamente, subconcientemente, ao mesmo tempo que combate o imperialismo branco, está servindo de cavalo de Troia à introdução do imperialismo vermêlho, rotulado de comunista. Aliás, V. Cy fez questão de frisar que a afirmação, segundo a qual Wallace está fazendo o papel de cavalo de Troia ao serviço do **comunismo** (o grifo é meu) pertence a um seu amigo comunista; e eu, por uma questão de honestidade, faço ver que a expressão imperialismo vermelho rotulado de comunismo não é, aqui, de V. Cy, e sim do autor destas linhas.

VITÓRIA DA MISÉRIA

Estávamos a 7 de maio p.p., vésperas de mais um aniversario do término da ultima guerra. Algumas mães de familias pobres trocavam, dentro de um armazem de secos e molhados, impressões sobre a carestia da vida. O vendeiro, um sirio com uma grande cara de bonachão, observava-as, de dentro do balcão, com uma ligeira expressão de tristeza. A certa altura, interrompe as lamentações com estas palavras:

— Vamos! vamos! E comprem tudo o que precisam porque eu creio que amanhã é feriado.

— Então me dá 5 quilos de feijão, que estou com muita pressa. Deixei o arroz no fogo e acho que até já estará queimado.

— Feijão? O feijão custa 8 cruzeiros e só vendo um quilo a cada freguesa, para servir a todas. Há muita falta de feijão.

— A 8 cruzeiros o que, o quilo?! — perguntou, atonita, a freguêsa.

— Sim, o quilo, o quilo.

— Valha-me Nossa Senhora! ("Sim, fia-te na Nossa Senhora", murmurou uma outra) como é que vou fazer? Será possivel que o feijão, comida de pobre, agora só será para os granfinos?

— O que é que eu posso fazer; a culpa não é minha. E decida-se, porque as outras freguesas estão esperando.

E a pobre senhora saiu pela porta afora, exclamando: — Não quero... não quero...

— Jorge — reclama uma outra — eu quero a minha cota de óleo. O que tinha em casa, já se acabou e eu não posso comprar banha a vinte cruzeiros o quilo.

— Oleo que é bom, como diz o nortista, não há.

— E quando vem?

— Eu sei lá! Sei tanto, quanto a senhora. Pago já está. Agora é esperar... Pode chegar daqui a cinco minutos ou demorar oito ou quinze dias.

— Jorge — pergunta alguem — você disse que amanhã é feriado? Que feriado é?

— E' o dia da Vitória.

— Dia da Vitória? Que Vitória?

— A Vitória da miséria! — exclama uma velhinha que, a um canto, esperava a sua vez de ser servida.

Acaso a mente daquela pobre criatura abrangerá o amplo sentido filosófico que dentro das três palavras por ela pronunciadas se pode conceber?

UMA NOVA ESQUERDA

Sob o título "A grande traição das esquerdas e a nova esquerda", o "Estado", do dia 6 de abril p.p., publicou um interessante artigo da autoria do sr. Paulo de Castro.

Depois de nos dizer que a resistência das esquerdas contra o fascismo e o nazismo veiu, sobretudo, em consequência das ignominias contra a dignidade humana, praticadas por tais regimes; o articulista escreve que hoje todas essas ignominias são cometidas na Russia chamada Soviética. Que "todos sabem" que na Russia há campos de concentração, Gestapo, imperialismo, trabalho escravo e odio à Liberdade. No entanto, as esquerdas silenciam, fingindo ignorar, aviltando-se, assim, pela covardia. E que, não só fingiam ignorar, como, por outro lado, ainda procuram justificar "aquilo" como sendo a construção do socialismo apresentando os relatórios da G.P.U. como páginas de marxismo.

O sr. Paulo de Castro, a quem, diga-se de passagem, não tenho o prazer de conhecer, refere-se, em linhas emocionantes, a alguns dos mais dramáticos episódios da guerra civil na Espanha, não se esquecendo da mistificação de Stalin, levando o ouro e o pão do povo espanhol, em troca de ferro velho, à guisa de material bélico.

Por fim, o sr. Paulo de Castro, como idealista que é, termina o seu artigo tomando-se de um confortável otimismo, acenando-nos com a nova esquerda que surge. Esta esquerda "será socialista sem frases nem evangelhos esotéricos e libertária sem transigencias".

OSVALDO SALGUEIRO

"A PLEBE" COMPLETA 30 ANOS

Foi em 1927. A crise atormentava o povo, que se agitava em manifestações publicas. O proletariado movimentava-se em sucessivas greves que culminaram na formidavel greve geral que se tornou historica no movimento operario brasileiro.

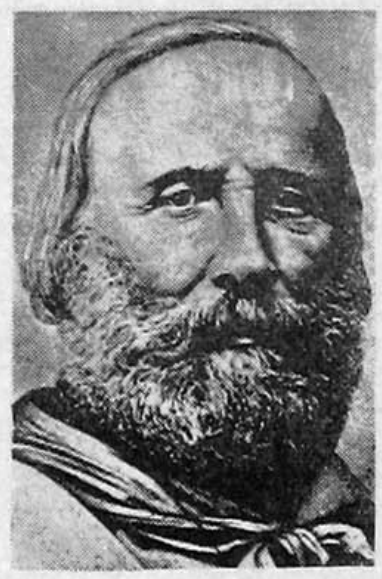
E "A PLEBE" surgiu nesse ambiente de descontentamento, de reivindicações e de luta — de luta em que está empenhada até hoje. Foram tres décadas de duras pelejas, com todas as consequencias proprias dos embates da luta libertária contra a opressão.

E "A PLEBE" aqui está para prosseguir nessta luta — que jamais abandonará.

Garibaldi e a Questão Social

A exemplo do que se fez em anos anteriores, realizou-se, na manhã do dia 1.o do corrente, no Jardim da Luz, junto à estatua de Garibaldi, uma comemoração do grande heroi, promovida pelo Centro Democratico Garibaldi. Foram oradores Pasquale Petraccone, que deu inicio e encerrou a manifestação, e os drs. Pelagio Lobo e Caio Prado Junior, que estudaram as campanhas garibaldinas em seus varios aspectos e a luta antifascista. Tambem usou da palavra o companheiro Edgard Leuenroth, cujo discurso reproduzimos abaixo.

Parece que foi ontem e, no entanto, há já 37 anos que aqui es-



Garibaldi

tivemos! Mas, reparem que resta uma duvida: posso dizer estivemos? De fato, cabe uma indagação: quantos restam daqueles que, nesse 1910 que já ficou bem lá atraz, com minha fugidia mocidade, aqui nos reunimos para inaugurar o monumento destinado a relembrar aos visitantes deste bucolico recanto da Paulicéia um dos mais empolgantes vultos da parte mais viva da historia dos feitos humanos?

A resposta poderá ser obtida por um golpe de vista pela assistencia. E que é de esperar que se verifique? Que, no curso natural das coisas, com o decorrer dos anos, da arvore da vida foi-se desprendendo a folhagem emurchecida pelas invernias que se sucederam inexoraveis.

Para nós, a quem as nevadas do tempo já branquearam os cabelos, há uma ausencia chocante, que nos tange a saudade de coisas que já se foram e jamais retornarão. Sim, não se encontram conosco antigos e dedicados companheiros de lutas passadas e que, certamente, se vivessem ainda, aqui estariam, como em anos anteriores. Falta ainda um elemento caracteristico. A gente nova não saberá, decerto, que me refiro aos garibaldinos que, durante anos, deram um brilho pitoresco às manifestações liberais da colonia italiana de S. Paulo.

Em 1910, eles ainda vieram, mas o peso dos anos já lhes curvava os dorsos batidos pelas intemperies de tantos quadrantes e pelos sofrimentos de cruentas lutas, tornando-lhes tropego o andar. E, hoje, eles já aqui não estão envergando a camisa que era — e ainda é — o simbolo de uma luta que se iniciou nos pampas sulinos, prolongou-se pelas regiões platinas, estendeu-se por terras francesas e gregas — e ainda perdura, em multiplas modalidades, por toda a parte onde ha injustiças a combater, envolvendo todos os povos que aspiram a mais amplos estádios de civilização.

Vestiu-a Garibaldi, vestiu-a Anita Ribeiro, essa mulher audaz que, com o combatente das grandes causas, escreveu um dos mais encantadores episodios de amor que a historia registra; vestiram-na aqueles — e foram tantos! — que se empenharam, sofreram e sucumbiram nas heroicas pelejas garibaldinas.

Ao contrario das camisas pardas, verdes e negras dos nazi-fascistas que, como purulentas mortalhas, cobriram seres vis que assombraram a humanidade com suas violencias e torpezas, com suas miserias e crimes, a camisa ruba de Garibaldi desfralda-se nas paginas da historia como o simbolo das mais altas aspirações humanas. Por isso, os velhos veteranos das legiões garibaldinas guardavam-na com carinho e com ela se apresentavam, com justo orgulho, nas comemorações, como a de hoje, invocadoras de feitos enobrecedores dos brios da humanidade.

Se, à margem das lutas nas quais serviu de simbolo e se glorificou, houve, por esse mundo afóra, quem, tendo-a vestido, no torvelinho de manobras politicas ou em contingencias da vida comum a desmereceu na pratica de ações menos dignas, nem por isso ela perdeu a sua significação historica.

Mas, alem dos veteranos das batalhas garibaldinas, outros elementos tambem estão ausentes — e exatamente dos que deram mais destaque à manifestação de 1910. Sim, tambem não compareceram os oradores daquele dia: Olavo Bilac e Alceste de Ambris — o poeta dos versos impecaveis, que nos apresentou a vida de Garibaldi envolvida nas filigranas de seu dizer burilado em frases esmeraldnas — e o ardoroso socalista, que nos empolgou com o calor de sua pregação reivindicadora.

Ainda os estou vendo com os da imaginação. A eles associou-se o transbordante entusiasmo de minha mocidade cheia de idealismo, buscando não perder uma unica palavra sobre a personalidade de Garibaldi, em cuja vida agitada de lutador pela liberdade a minha condição de militante libertario encontrava motivos de afinidades.

Bilac, bem posto, cuidadoso e esmerado no dizer e no trajar, dissenos coisas emotivas sobre o heroi da humadidade. Alceste de Ambris, cujo porte de cadete de Gasconha tanta simpatia irradiava, encarou a epopéica vida de Garibaldi principalmente sob o seu feitio popular, ou, melhor, socialista.

Sem a pretensão de estabelecer paralelos, é exatamente sob esse aspecto que se pode compreender que a minha voz plebeia seja associada, nesta comemoração, às de oradores consagrados que aqui vieram estudar a atividade de Garibaldi.

Lembra-se a personalidade do grande batalhador como principal fautora da unificação italiana. Mas, parece-me justo não ser esquecido, ou, melhor, que é preciso reivindicar o lado social da luta garibaldina.

Examinando-se objetivamente a vida de Garibaldi, verifica-se que as suas campanhas tiveram um acentuado alcance social. Onde quer que houvesse uma injustiça a combater e um direito a reivindicar — na Italia ou algures — lá estava ele a batalhar extenuamente, sem medir sacrificios, tendo sempre ao seu lado a sua adorada Anita, com quem se uniu no ardor das pelejas dos pampas riograndenses e em plena luta a teve de conduzir à sepultura.

Comemore-se Garibaldi como o heroi do ressurgimento italiano, mas realcemos tambem — e principalmente — a sua luta em prol do ressurgimento da humanidade, pois é sua esta frase fixadora de um principio orientador: "O socialismo é o sol do futuro!"

Nenhuma duvida pode haver sobre o conteudo humano das lutas sustentadas por Garibaldi. Referindo-se à sua companheira de vida e de lutas, disse ele: "Minha Anita era o meu tesouro; **apaixonada quanto eu no amor da sagrada causa do povo**".

Estudando-lhe a personalidade, não se pode deixar de concluir que Garibaldi demonstrou, desde o inicio de sua atividade, que, para ele, a causa da liberdade não se encerra entre determinadas fronteiras. Devia ser defendida em qualquer pais e em favor de todos os povos. E isso o demonstrou lutando, aqui, com os farroupilhas, contra o imperio e em favor da republica sul-riograndense; contra o tirano Rosas e em prol da republica uruguaia; em defesa da republica francesa e pela libertação da Grecia.

Sem fazer distinções de raças e de nacionalidades, solidarizava-se com todos os oprimidos. O seu nome, por isso, infundia pavor aos tiranos e despertava simpatias e esperanças nas vitimas de todas as opressões.

Associando-se à campanha pela libertação da Polonia e da Hungria, dispoz-se a se bater em favor dos negros dos Estados Unidos, e somente circunstancias de forca maior impediram que ele, acudindo a um apelo de Lincoln, acorresse aos Estados Unidos, tendo, entretanto, estabelecido para sua participação na luta que se travava naquele pais, a condição de que fosse concedida a emancipação aos escravos. E, quando essa libertação se verificou, Garibaldi disse, em carta escrita a Lincoln, que o saudava com o nome de **emancipador** — titulo mais digno de inveja do que qualquer coroa ou de qualquer tesouro.

E não se diga que Garibaldi era um mero brigão, amante da luta por espirito de aventura. Não. Certa vez, referindo-se às carabinas de seus combatentes, afirmou que delas se servia apenas como instrumento de libertação.

Tendo levado uma vida de luta ativa, era, contudo, amante da paz. Em 1867, participou, em companhia dessa outra grande figura de lutador libertario que foi Miguel Bakunin, do Congresso da Paz e da Liberdade, realizado na Suiça, e nele reafirmou sua fé na fraternidade das nações e votou a favor da resolução que propugnava a abolição da guerra como recurso para a solução dos problemas internacionais. Nesse mesmo Congresso propoz que fosse tomada uma resolução contra o dominio do Papado. Ainda por essa mesma ocasião, realizava-se, tambem na Suiça, um congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores (a chamada Primeira Internacional) e Garibaldi, num encontro que teve com participantes desse historico certame internacional, que estabeleceu princípios tendentes à transformação social num sentido do socialismo libertario, fez esta categorica declaração: "Estou de acordo com vossos propositos. Guerra às tres tiranias: politica, religiosa e social. Vossos principios são os meus".

Teve, portanto, razão um escritor americano que sobre Garibaldi escreveu quando se tratava da ereção de um monumento em sua honra na capital dos Estados Unidos: "Garibaldi foi inimigo de toda a tirania; odiou todas as formas de despotismo, tanto politico como intelectual". Grande verdade essa! De fato, Garibaldi odiou todas as tiranias e, sempre que se apresentou oportunidade, lutou contra elas, onde quer que se tornasse necessario. Por isso, mais do que o "Heroi dos dois mundos", cabe-lhe melhor a designação de "Cavalheiro da Humanidade".

E, com essa feição, Garibaldi figura, na Italia, numa legião de outros tantos vultos que, em setores diversos, tambem batalharam e sofreram pela mesma causa que ani-

Anita

mou as suas campanhas. Com Mazzini, conspirou por uma republica que ele queria de fundo popular. No levante libertario de Benevento, teria estado com Cafiero e Malatesta em favor do socialismo-anarquico. Em Amilcare Cipriani, Paolo Valera, Cataneo, Bovio e tantos outros teve expressões de suas lutas pela liberdade. No martirio de Matteoti, dos irmãos Rosselli, de Camillo Bernieri e centenas de antifascistas teve a demonstração do sacrificio daqueles que odiavam, como ele, a tirania e lutaram pela justiça social.

E com todos eles, e com todos os mais que vivem ainda — e ainda lutam — se hoje vivesse, teria estado, na Italia, com os "partigiani", com os "maquis" da França, com os guerrilheiros que pelos contrafortes das serranias ibericas lutam desesperadamente contra a tirania do fascismo sanguinario lá imperante.

E, tendo por guia orientador o seu lema — "Nunca desesperar" — estaria hoje, certamente, à frente da luta para um novo ressurgimento italiano, pois a republica que lá se implantou, com resaibos da monarquia saboiarda — que ele repudiou —e com ligações com o Papado — contra o qual ele combateu — não corresponde, de maneira alguma, aos seus postulados, firmados com o sangue de mil combates.

Relembremos, pois, Garibaldi, o inimigo de todas as tiranias, como um exemplo à geração contemporanea, para que saiba defender a liberdade em todos os sentidos e onde quer que ela seia ofendida.

EDGARD LEUENROTH

Nossos Jornais no Exterior

Aconselhamos aos nossos camaradas e às pessoas estudiosas da questão social a leitura dos jornais libertarios de outros paises, pelos quais se pode formar uma idéia do grande vulto que está tomando o movimento anarquista mundial.

Na redação de A PLEBE e na agencia de jornais da rua D. José de Barros são encontrados tres dos mais importantes desses jornais: "Tierra y Liberdad", do Mexico, e "Cultura Proletaria", de Nova York, em castelhano, e "Adunata dei Refratari", de Nova York, em italiano.

Chocante Aspecto de Miseria

POR MUITO TEREM PRODUZIDO, OS SERICICULTORES DE BASTOS SUCUMBEM Á MINGUA

Um vespertino desta capital noticiava, no dia 8 do corrente, um fato doloroso, que caracteriza bem o organismo social capitalista em que vivemos.

Numerosos agricultores de uma das mais ricas zonas do Estado de São Paulo que se dedicam à cultura do bicho da seda morrem de fome porque não encontram quem lhes compre o produto que constitui a sua fonte de renda.

Ao pensarmos que as damas da alta sociedade exibem custosas "toilettes" de seda nas ruas da cidade, nos teatros, nos cinemas; que nos luxuosos salões e nos clubes emporcalham os vestidos em bebedeiras de alta classe, não podemos deixar de estabelecer um contraste que impressiona e revolta: aqueles que produzem a seda de que são feitos os seus vestidos, perecem vitimas da miseria.

Este contraste encontramo-lo em todas as classes. O pedreiro que constrói palacios mora em miseraveis "cortiços"; o marcineiro que fabrica lindas camas, dorme sobre tarimbas na hediondez de porões infectos; o pintor que decora as vivendas dos ricos, que enriquece as salas dos museus, tem nuas as paredes da sua casa pobre; o lavrador que arranca da terra, à custa de suor, toneladas de produtos que vão sobrar nas mesas dos "tubarões", anda descalço, de pés inchados sobre a terra dura e passa fome!

E' este o quadro real, impressionante, que nos oferece a vida em sociedade no regime de injustiças e desigualdade social que há vinte séculos oprime, degrada, explora, escraviza e mata!

A noticia referente aos sericicultores de Bastos não constitui um fato isolado; não chega mesmo a ser novidade para nós, que estamos habituados a sentir a dôr e a miseria do povo, que a sofremos, tambem, porque somos proletarios. Ao contrario, fatos como esse constituem a norma de vida em todos os centros industriais.

A literatura realista do século IX e principios do século XX está cheia desses episodios chocantes que, longe de serem espelhos a refletir as imagens da imaginação criadora dos escritores, são reflexos, bem apagados, da realidade vivida e sofrida pelas classes proletarias de todos os paises e em todos os tempos.

Atribue-se à concorrencia dos mercados estrangeiros a queda brusca nos preços da seda, e, consequentemente, a responsabilidade pela situação desastrosa a que chegaram os agricultores de Bastos.

Mas o fato é que isso constitui um fenomeno inerente à propria organização social, em que a produção se faz, não para atender à satisfação e necessidades coletivas, mas para servir aos interesses da ganancia do capitalismo.

As guerras são valvulas de escapamento para o congestionamento dos estoques e eles, os capitalistas, provocam essas hecatombes. Mas as guerras devastam as terras, matam homens, arrazam cidades e trazem consigo, quando terminam, os problemas do após-guerra com o seu cortejo de miserias humanas: a crise, as perturbações politicas, as levas de mutilados, as degenerescencias sociais.

E o mundo está atravessando um dos periodos mais graves da existencia provocado pelas guerras.

Não podendo solucionar os problemas cada vez mais complicados da sua engrenagem de crimes, a burguesia atola-se em novas crises e prepara novas guerras.

Caracterizado pela instabilidade das posições, o regime capitalista é a causa das quedas bruscas que se verificam periodicamente nas relações comerciais e de industria, arrastando consigo reputações e até mesmo a honra de familias inteiras levadas ao desespero e à fome pelas contingencias da vida.

O que acontece com os sericicultores de Bastos não constitui, pois, consequencia unica de uma determinada causa, de origem transitoria e remediavel: é resultado do cortejo de tremendas injustiças cometidas em nome de todos os privilegios de que a burguesia se tornou depositaria e para a garantia dos quais emprega exercitos e policias, juizes e sacerdotes, cadeias e presidios correcionais, com milhões de funcionarios pagos pelo povo, sustentados pelo povo que pagu impostos para esse fim e que ainda por cima, escolhe os seus carrascos, nas eleições, com o entusiasmo louco das demencias que caracterizam os fanatismos religiosos.

Sucedem-se os regimes, mudam-se os governantes, mas o povo continua arrastando as grilhetas da escravidão, porque o Estado serve-se de todos os meios para conseguir a submissão das massas, inclusivé a ilusão de que são livres e soberanas! ...

A Comemoração do 1.º de Maio

Correu animado o comicio libertario do Salão Celso Garcia

No dia 1.o de Maio, o Centro de Cultura Social realizou um comicio alusivo à data, que teve lugar no Salão Celso Garcia, sito à rua do Carmo, 129, nesta capital. Apesar da atmosfera de mistificação que se vinha formando vários dias antes, pelos partidos politicos mancomunados com a burguesia e pelo clero católico sempre disposto a prostituir até a propria pureza, essa reunião foi bastante concorrida. A assistencia foi movimentada. Compareceram velhos e novos militantes, demonstrando a grande animação que os move em torno de nosso movimento. Notamos tambem a presença simpatica de vários socialistas pertencentes a varias correntes, que se confraternizaram conosco na grande data reivindicatoria do proletariado.

Por volta das 3 horas da tarde, foi aberta a sessão pelo Secretario Geral do Centro de Cultura Social, Lucca Gabriel, que depois de protestar contra a falsidade com que se pretende disvirtuar a comemoração do 1.o de Maio, demonstrando a significação da data e a necessidade que têm os trabalhadores de se instruirem tanto quanto possivel, não só para impedir tais desvirtuamentos, como tambem para criar uma nova cultura que prometa um futuro menos desastrado e mais risonho à Humanidade.

Em seguida, passou a palavra ao camarada vidreiro Orlando Carraro, que aludiu aos movimentos sociais havidos desde as agitações americanas em 1868 até a atualidade. Sucedeu-o o camarada Liberto Reis, sapateiro, que fez um pormenorizado histórico das comemorações do 1.o de Maio que sucederam à tragédia de Chicago em 11 de novembro de 1887, demonstrando as diferenças entre as comemorações verdadeiramente operárias que sempre se fizeram em sinal de protesto, e as "comemorações", dos ultimos tempos organizadas pelos governantes, pelas instituições clericais e pelos mistificadores politicos. Passou o presidente da sessão a palavra ao camarada Nicanor, padeiro, que, depois de exaltar a ação heróica dos anarquistas através de seus movimentos, firmou sua convicção anárquica, cada vez maior. O camarada Mário Santos fez, em seguida, uma bela exposição do critério anarquista na sociologia, salientando, para isso, a contradição que há entre as nossas convicções e nossos métodos e as convicções e métodos das outras correntes socialistas. A seguir falou o camarada Atilio Pessagno, de Campinas, neste estado, que relevou a coerência dos principios anarquistas desde a Primeira Internacional. Achava-se presente ao comicio Aristides Lobo, que desde muito jovem ingressou para as fileiras marxistas, batendo-se em prol da causa proletária. Tomando a palavra, fez um vibrante discurso, no qual salientou sua grande simpatia para com o anarquismo, apesar das diferenças, "já não tão grandes como noutros tempos", que o separa dessa doutrina. Reconheceu no Estado um pavoroso monstro em todos os seus aspectos, chamando a atenção dos socialistas dizendo que não basta a igualdade como tem sido muitas vezes formulada, pois esta, de certo modo, é uma forma encontrada nas penitenciárias, e terminou seu discurso exaltando o conceito anárquico da liberdade. O camarada Pedro Catallo, sapateiro, foi quem continuou. Congratulou-se, com seu natural entusiasmo pela causa por que há tantos anos se vem batendo, com Aristides Lobo pelo alto conceito da liberdade apresentado por êste, dizendo que com camaradas como Aristides, os anarquistas jamais se negaram a dar a mão no momento da luta, mas que o mesmo não poderia ser feito com relação àqueles que, pretetando um criterio "realista", tratam de desviar o movimento social do seu verdadeiro sentido. Em seguida, o camarada Benedito Romano, pedreiro, abrilhantou a sessão declamando um poemeto alusivo à guerra civil espanhola, de autoria do camarada Pedro Catallo. Por ultimo, tomou a palavra o camarada Edgard Leuenroth, jornalista, que falou sobre assuntos gerais. Revelou o valor do movimento anarquista, mais pelo seu lado qualitativo que pelo quantitativo apontando, para ilustração de sua afirmativa, a presença no comicio de vários camaradas de mais de oitenta anos de idade e que há mais de sessenta vem militando, sem se deixar abalar em suas convicções. Terminou pedindo que todos os presentes cantassem em côro o hino universal dos trabalhadores, a Internacional. Todos os presentes ergueram-se de pé e atenderam ao Pedido, fazendo ecoar por todo o salão e pelas escadas, numa só voz o canto rubro — a "Internacional".

Aristides Lobo, do fundo da galeria, com veemencia, deu vivas ao autor deste hino dos trabalhadores aludindo a substituição que se fez na Russia, por um hino patriotico.

CURSO DE ESPERANTO

O Centro de Cultura Social mantem, em sua sede, à rua José Bonifacio, 387, sala 10, um curso de esperanto, absolutamente gratuito.

Os nossos companheiros e os simpatizantes do movimento social-proletario que desejarem estudar o idioma da humanidade, do mundo sem fronteiras pelo qual lutamos, devem animar esse curso, nele se inscrevendo e frequentando as aulas, que são dadas todas as quartas-feiras, às 20 horas.

O jovem Amador Franco agora fuzilado pela horda franquista

Pela Organização dos Anarquistas

APELO A TODOS OS ELEMENTOS LIBERTARIOS PARA QUE SE ORGANIZEM COM URGENCIA

Dirigimo-nos diretamente aos militantes do movimento libertário do Brasil.

Fazendo um exame retrospectivo à obra que o elemento anarquista tem desenvolvido neste país ha mais de meio século, constatamos que, se a atividade libertária não apresenta hoje um resultado correspondente à enorme sôma de esforços e sacrificios a ela dedicados, é isso devido a fatores alheios à nossa vontade, como a reação sistemática e feroz que nos tem atingido e à obra deletéria dos mistificadores com rótulo de esquerdistas metidos no movimento social brasileiro, e, tambem em parte, à falta de uma ação mais sitemática no trabalho.

Patenteia-se, por isso, a necessidade imperiosa e urgente de se apressar a organização do elemento libertário, com o estabelecimento, entre os indivíduos, os grupos, e depois, entre as federações, dos laços morais e materiais que, sem reduzir a autonomia de cada um, tornem o nosso movimento mais organico, mais coordenado e de ação mais produtiva.

Urge, pois, que os elementos libertários deste país ainda não organizados se constituam em grupos, para, depois, serem reunidos nas federações regionais, como base para a constituição da organização geral libertária do Brasil.

Fica, pois, lançado um caloroso apélo a todos os libertários do Brasil para que se movimentem sem perda de tempo, constituindo grupos aqueles ainda dispersos e os grupos relacionando-se entre si, para a generalização de suas inicativas e intensificação da propaganda libertária.

É grande a confusão reinante no movimento social brasileiro e isso exige um trabalho intenso de orientação do povo e, principalmente, do proletariado, sujeito à danosa obra dos politiqueiros de todos os matizes, da direita e da esquerda, todos em grande atividade, com sua demagogia corruptora, mirando o dominio da vida publica.

O anarquismo constitui o unico movimento que não foi atingido pela corrupção imperante. O Movimento Anarquista Brasileiro não transigiu com seus principios, não transacionou com políticos, com governantes ou com elementos da burguesia. A bandeira que desfraldou há mais de cinco décadas continua a tremular incólume às pestilências do ambiente embora denunciando os efeitos dos embates com a reação nas lutas gloriosas em que se tem empenhado. Os anarquistas podem, portanto, de viseira erguida, com toda a força moral que lhe empresta a inteiresa de sua conduta, dirigirem-se ao proletariado e ao povo do Brasil, tratando de seus interesses espezinhados e de seus direitos a reivindicar.

Para isso são concitados todos os libertários do Brasil.

Durante o periodo da revolução espanhola, formou-se, na França, por iniciativa de elementos libertarios, uma organização destinada a prestar auxilio aos companheiros que lutavam na Espanha contra as hordas fascistas. Foi-lhe dada uma denominação expressiva, que reflete sua finalidade precipua: Solidariedade Internacional Antifascista, ou SIA, como é mundialmente conhecida.

Valiosa tem sido a atuação desde então, desenvolvida pela SIA, que prossegue em sua atividade em varios países, principalmente na França e entre os elementos espano-americanos dos Estados Unidos, trabalhando em favor dos que na Espanha sofrem as perseguições do franquismo e daqueles que, aos milhares, tiveram de deixar o país ibérico e andam em perigrinação pelo mundo, suportando toda a sorte de vicessitudes.

Com o fito de tornar mais coordenado e produtivo esse movimento de solidariedade aqui desenvolvido ininterruptamente desde o periodo da revolução libertária espanhola, formou-se em S. Paulo um nucleo da SIA, que vem prestando auxilio aos elementos que por aqui passam em transito para as republicas platinas e para a Venezuela.

Prestando solidariedade a todos que dela carecem, esse nucleo paulistano da SIA desenvolve agora a mesma atuação dos antigos Comitês Pró-Presos e Deportados, que demonstraram grande eficiencia no auxilio às vitimas da reação.

CORREIO PLEBEU

Na impossibilidade de atendermos a todas as cartas, dando a cada uma resposta individual, iniciamos com este numero a publicação de "Correio Plebeu", uma antiga seção de "A Plebe", cujo titulo mantemos.

Nesta seção responderemos a todos, acusando as cartas que venham endereçadas, ao jornal, independentemente das respostas individuais às cartas que isso exijam.

J. B. — Pirajuí — Recebemos sua interessante carta, à qual daremos resposta em outra seção deste jornal, se permitir a publicação da nossa resposta, pois trata-se de assunto de interesse geral, que gostariamos de tornar conhecido. Há na sua carta conceitos interessantes que fornecem motivos dignos de serem discutidos. Segue a resposta.

A. H. — Rio — Grande satisfação causou-me sua carta. Quantas recordações de tempos idos!... Julgo que sua carta merece publicação, seguida da competente resposta. Concorda? O seu silencio significará sua resposta afirmativa. Saude!

IDEAL — Rio — Recebi sua carta e os endereços. Vamos mandar uma relação geral de endereços. E o "velho"? Saudações a todos.

ROBERTO — Rio — Recebida sua carta e os originais. A nota aparece neste numero na forma exigida pela situação da "Santa Terrinha". Do artigo é publicada a parte essencial para o momento. A restante será aproveitada depois. O livro será anunciado oportunamente.

As Nossas Festas

A festa realizada no dia 30 de abril no salão do Gremio Dramático Espano-Americano teve completo exito. O salão ficou repleto e o programa foi executado a contento geral. Tiveram boa representação pelo Grupo Teatro Social as peças "O Escravo" e "1.o de Maio". O ato de variedades constou de numeros de canto, musica e declamação.

Foi uma magnifica noitada de alegre confraternização libertaria.

Tambem foi bem sucedida a festa campestre realizada em 1 do corrente em Nossa Chacara. Não obstante o mau tempo, foi numerosa a afluencia de familias, que lá passaram um dia cheio de alegria.

Endereço de "A PLEBE"

"A Plebe" tem sua redação provisoria à rua José Bonifacio, 387, sala 10, onde, a partir das 20 horas, é encontrada uma pessoa para atender quem precisar de tratar de assuntos referentes ao jornal.

Todo o ato que represente uma violencia contra o exercicio de um direito = atinja a quem atingir = encontra imediata repulsa dos anarquisas. Protestamos, pois, contra os atentados à imprensa

A PLEBE

S. PAULO, 15 DE JUNHO DE 1947 — ANO 31 — NUM. 2 (Nova fase)

AS REIVINDICAÇÕES DO PROLETARIADO

TUDO TEM OS TRABALHADORES A REIVINDICAR — MAS SOMENTE COM SUA DIRETA ATIVIDADE E SUA FORTE ORGANIZAÇÃO PODERÃO OBTER MELHORIAS

As reivindicações dos trabalhadores do Brasil não precisariam ser enumeradas, pois estão indelèvelmente gravadas em caractéres d sangue na história de arduas pelejas que vêm sendo sustentadas ha dezenas de anos.

A AUTONOMIA SINDICAL

Como sempre, e hoje mais do que nunca, está em primeiro plano a reivindicação do direito de livre sindicalização com a completa autonomia dos sindicatos. O proletariado brasileiro deve poder orientar e movimentar as suas organizações, desde os sindicatos até as federações e a confederação, de acôrdo com seus interêsses, sem qualquer intervenção, tanto governamental como político-partidária, e, ainda, do burocratismo mistificador.

O DIREITO DE GREVE

Paralelamente à liberdade de sindicalização, está o direito de greve sem restrição alguma e a possibilidade correlativa de propaganda e de livre reunião para o amplo desenvolvimento da atividade sindical

OS COMITÉS DE FÁBRICAS

Direito inconcusso do trabalhador, e que deve ser uma de suas principais reivindicações, é a de intervir diretamente em tudo quanto se relacione com sua atividade de produtor aliada à sua condição de consumidor. Por isso, deve ser exigido da parte do patronato o acatamento à atividade dos comités operários de fábricas, oficinas e demais centros de trabalho, constituidos nos respectivos locais, pelos próprios trabalhadores, e encarregados de controlar as condições de segurança, de higiene e de comodidade profissionais, bem como zelar pelo respeito devido ao trabalhador e impedir que seja forçado a participar de serviços prejudiciais à população.

CONTROLE DAS CONQUISTAS PROLETARIAS

Deve ser confiada à organização do proletariado a incumbência da fiscalização direta da regular execução das conquistas obtidas pelos trabalhadores e consignadas na legislação trabalhista e em contratos e acôrdos formados com o patronato, fazendo com que nesses direitos sejam compreendidos os trabalhadores do campo e os das empresas estatais e para-estatais que estejam deles privados.

A BASE DO SALARIO

O salário é o veículo de exploração da burguesia. E' por meio do salariato que o capitalismo extorque ao trabalhador a maior parte do produto de seu esforço. Entretanto, enquanto perdurar o regime atual, é do salário que o trabalhador tem de tirar os meios de sua subsistência. Daí a luta do trabalhador pela sua elevação. Essa luta co-existe com o salariato e só com o seu desaparecimento cessará.

No Brasil, essa luta vem de longe e têm custado muitos sacrifícios os aumentos de salários arrancados à ganância capitalista.

Dominando a sociedade, os capitalistas dispõem de recursos para assegurar a sua exploração. Se são forçados a fazer algumas concessões, conseguem ressarcir-se por qualquer meio. Refazem-se dos aumentos de salários elevando os preços dos produtos. Paga, assim, o trabalhador, como consumidor, o que consegue arrancar ao capitalista como produtor.

Isso, entretanto, só terá fim quando se puzer termo ao domínio do regime burguês. Mas, enquanto durar a luta em que está empenhacom essa finalidade, é preciso o trabalhador romper o círculo vicioso criado pelo capitalismo elevando o custo da vida à medida que tem de aumentar os salários. E isso conseguirá o proletariado orientando sua luta no sentindo dos seus salários acompanharem o nível do custo da vida, pela escala movel dos salários, de maneira que o salário de cada operário deve estar em relação com os encargos economicos de sua familia.

O TRABALHO DAS MULHERES E DAS CRIANÇAS

O trabalho das mulheres e das crianças é um dos meios de exploração dos capitalistas, para pagarem menos salários. Afim-de impedir isso deve ser exigência do proletariado que para igual trabalho deve corresponder igual salário, isto é, que, executando as mulheres e as crianças trabalhos identicos aos dos homens, deverão perceber os mesmos salários destes.

OS DESCONTOS EXTORSIVOS NOS SALARIOS

Servem-se ainda os capitalistas de descontos em folha, multas, contribuições forçadas para as sociedades de sua criação e homenagens bajulatórias. A oposição dos trabalhadores a essa nova forma de extorsão não deve cessar enquanto não se acabar com êsse abuso.

A PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS

E' principio firmado que o capital representa trabalho não remunerado, isto é, que a maior parte do produto do trabalho do operário é extorquido pelo capitalista.

A luta proletária objetiva acabar com essa injustiça. Como reivindicação transitória, reclama-se para os trabalhadores a participação nos lucros das emprêsas. Mas isso desviaria a luta proletária de sua verdadeira finalidade, envolvendo os trabalhadores nas manobras do capitalismo. Pode-se limitar êsse inconveniente dando caráter coletivo a essa reivindicação, isto é, reclamando que parte dos lucros acumulados pelos capitalistas seja revertido para os fundos das cooperativas organizadas pelos trabalhadores em emprêsas ou em ramos de atividades, coopeartivas essas libertas do burocratismo estatal e de finalidades sociais.

O IMPOSTO SINDICAL

Está plenamente demonstrado que o imposto sindical é um elemento de escravização do movimento proletário à fiscalização governamental, além de se alimentar o burocratismo associativo por meio dessa extorsão aos salários dos trabalhadores. O proletariado deve, portanto, reclamar a sua abolição. Se certos sindicatos estão na dependência dessa contribuição forçada, em virtude de ser reduzida a arrecadação de mensalidades, isso é devido ao desinteresse dos trabalhadores pelos sindicatos governamentais. Para a assistência não é ele necessário, pois esse serviço, em todas as suas modalidades, compete aos institutos de aposentadorias, para os quais os trabablhadores contribuem para esse fim. Tornando-se necessário, o imposto sindical poderá ser substituido por uma contribuição voluntária, eventual dos trabalhadores, o que será conseguido, desde que eles possam cuidar livremente de seus sindicatos.

O HORARIO DE TRABALHO

A redução do horário de trabalho sempre se patenteou uma das reivindicações proletárias de resultados mais efetivos. A limitação do horário determina um maior emprêgo de braços desocupados e, consequentemente, um aumento indireto dos salários. Alem disso, proporciona mais tempo para o trabalhador cuidar de si, de seu lar e do movimento de sua classe.

Partindo do regime de trabalho de sol a sol até chegar à conquista da jornada de oito horas, não têm conta as lutas sustentadas pelo proletariado brasileiro para conseguir o horário de trabalho outrora ilimitado.

E essa luta não deve sofrer interrupção; ao contrário, precisa ser intensificada com o fim de que a jornada de oito horas volte a ser respeitada, impedindo-se que, com os extraordinários, seja burlada essa conquista que tantos sacrifícios custou. O operário deve ter direito de perceber dentro da jornada de oito horas o que para hoje ganhar deve sujeitar-se a esfalfantes horários. Isso sem desprezar a ação em favor do estabelecimento, para a redução da jornada de trabalho, da escala movel do horário, afim de impedir que a desocupação determine a queda do nivel dos salários.

REPOUSO SEMANAL REMUNERADO

O dia semanal de repouso é indispensavel para o equilibrio da saude dos trabalhadores. Deve-se, pois, agir para que seja regularmente gosado. Esse dia de descanso causa, entretanto, um desfalque nos salarios dos trabalhadores. Torna-se, portanto, necessária a reivindicação do repouso semanal remunerado.

O TRABALHO NOTURNO

O trabalho noturno, a não ser em casos de necessidade coletiva, deve ser abolido como prejudicial à saude do trabalhador. Em caso algum, nele devem ser empregados mulheres e crianças, que tambem não deverão ser empregadas em trabalhos que, pela sua natureza, lhes sejam improprios.

O TRABALHO POR TAREFA

O trabalho por tarefa tornou-se um poderoso auxiliar da exploração burguesa. Dominado pela preocupação de produzir o máximo possivel no menor espaço de tempo, para ganhar cada vez mais, deve o trabalhador dispender uma excesso de energias, com prejuizo da perfeição do trabalho, de sua capacidade fisica e tecnico-profissional e ainda da solidariedade proletária, pois torna o operario concorrente do proprio operario.

Patenteia-se, pois, o acerto das resoluções dos congressos do proletáriado brasileiro, de orientação sindicalista de ação direta, realizados pela Confederação Operária Brasileira, no Rio de Janeiro, em 1906, 1913 e 1920, e nos Estados, em outros anos, condenando o trabalho por obra, em todas as suas modalidades, como absolutamente prejudicial ao trabalhador e à causa de sua emancipação.

Urge, portanto, uma campanha sem tréguas do proletariado para a sua abolição.

AÇÃO DE TRABALHADOR E CONSUMIDOR

O trabalhador não pode desligar seus interesses de produtor de sua condição de consumidor. Em suas atividades profissionais e em suas lutas com o patronato para a reivindicação de seus direitos não se poderá esquêcer de que é parte integrante da comunidade, a cujos interêsses está intimamente ligado.

Assim, logicamente, seria errado deixar de sobrepor os interêsses coletivos às conveniências dos capitalistas.

Torna-se, portanto, objeto de forçada atuação dos sindicatos, por intermédio dos comités de fábricas, a oposição dos trabalhadores ao fabrico de produtos prejudiciais à saude do povo, ao emprego na produção de materiais impropros, estragados ou de qualidade inferior, bem como às manobras dos capitalistas feitas com materiais e gêneros com o fim de açambarcamentos para provocarem a alta dos preços.

OS INSTITUTOS DE APOSENTADORIAS E PENSÕES

Torna-se necessária a unificação de todos os institutos em um unico, libertando-o da interferencia governamental e do burocratismo funcional, passando os seus administradores a serem escolhidos pelos proprios contribuintes com a cooperação dos sindicatos.

REIVINDICAÇÕES IMÉDIATAS E FINALIDADE MÁXIMA

Essas são as reivindicações mais gerais do proletariado, que, como as demais ligadas às necessidades particulares de cada ramo, somente pela ação direta dos proprios trabalhadores poderão ser conseguidas.

A luta para a reivindicação dessas melhorias não deverá, entretanto, desviar o proletariado da luta para a sua completa emancipação do dominio do capitalismo, que mantem o regime da exploração do homem pelo homem.

Os "tubarões" nos Hoteis e Restaurantes

OS PROPRIETARIOS DE HOTEIS E RESTAURANTES RECUSAM-SE A PAGAR O AUMENTO DE SALARIOS AOS SEUS EMPREGADOS

Todos aqueles que são obrigados a fazer as refeições nos estabelecimentos que exploram esse ramo de comercio, sabem quanto pagam, agora, em comparação com o que se pagava há poucos anos, por qualquer prato de comida para enganar, muitas vezes até, para envenenar o estomago.

Qualquer estabelecimento mesmo de categoria inferior, cobra hoje, por um filé, de 20 a 25 cruzeiros, quando o preço era ainda há poucos anos, de 5 a 7 cruzeiros; um churrasco, que custava Cr$ 2,50, custa hoje 15, 18 e até 20 cruzeiros; as refeições, que variavam de 3 a 5 cruzeiros, custam hoje, nas poucas casas que ainda mantem esse serviço, 16 e 20 cruzeiros.

Onde, porém, a exploração toma proporções verdadeiramente escandalosas, é no uso obrigatorio do chamado "couvert", adotado na maioria desses estabelecimentos. Façamos um cálculo aproximado desse absurdo: o valor dos produtos fornecidos em 200 "couverts", isto é, pão, manteiga e cebolinhas, ou azeitonas, é de Cr$ 150,000. Cobrado o "couvert" a Cr$ 4,00, 200 "couverts" recolhem para os cofres dos proprietarios a **insignificancia** de Cr$ 800,00, ou seja, um lucro de Cr$ 650,00. Isto não é comercio, é roubo!

Pois bem, esses tubarões recusam-se a pagar o aumento de 35 a 45 por cento aos seus empregados, mesmo depois de haverem concordado com esse aumento, que foi determinado pelo dessidio coletivo suscitado pelos dois sindicatos da classe, e com solução favoravel aos empregados no Tribunal de Justiça do Trabalho.

Em consequencia da atitude tomada pelos tubarões da alimentação, reuniram-se no Sindicato dos Empregados em Comercio Hoteleiro os empregados do Hotel Esplanada, no dia 6 do corrente, e decidiram rejeitar a proposta feita pela empresa que explora aquele estabelecimento, no sentido de burlar mais essa conquista dos trabalhadores em comercio hoteleiro.

Centro de Cultura Social

O Centro de Cultura Social prossegue em sua obra de educação popular, promovendo conferencias e cursos em sua séde, sempre com seu salãozinho inteiramente ocupado por uma assistencia interessada em aproveitar os ensinamentos ali proporcionados.

Os oradores têm completa liberdade de exposição, quaisquer que sejam os seus pontos-de-vista, travando-se debates esclarecedores apos as conferencias sempre num ambiente de respeito mutuo, disso resultando um util exercicio de vida associativa e de espirito de tolerancia. Têm sido oradores medicos, professores, jornalistas, operarios, etc.

Alem dessas conferencias, que são realizadas regularmente todos os sabados, às 20 horas, à rua José Bonifacio, 387, com entrada franca, o Centro de Cultura Social tem promovido, em outros dias, varios cursos, como por exemplo, de esperanto e de semantica, bem como exercicios de dicção e de oratoria, tendo, ainda, cooperado ativamente com a Universidade Popular Presidente Roosevelt na realização de um curso de quinze conferencias sobre higiene mental, pronunciadas por medicos especialistas.

Nos ultimos sabados, falaram o dr. Mario D. Santos, que está realizando uma série de palestras sobre as escolas socialistas, e o dr. Pedro Dantas, sobre a higiene mental.

No proximo sabado, 14 do corrente, falará um pintor sobre o fundo social da arte.

O POVO LUTA PARA DETER O AVANÇO DA FERA DA REAÇAO